

Fundamentos e mercado futuro

Oscar Schaps, nascido na Guatemala, onde ainda possui fazenda de café, estudou e formou-se nos EUA, onde especializou-se na área de mercados futuros. Hoje é um dos diretores da Hencorp, importante operadora na Bolsa de Nova York e BVMF. É também presidente de CoffeeNetwork, website especializado em mercado de café. Nesta palestra, Schaps discorreu sobre a formação de preços do café nas bolsas internacionais.

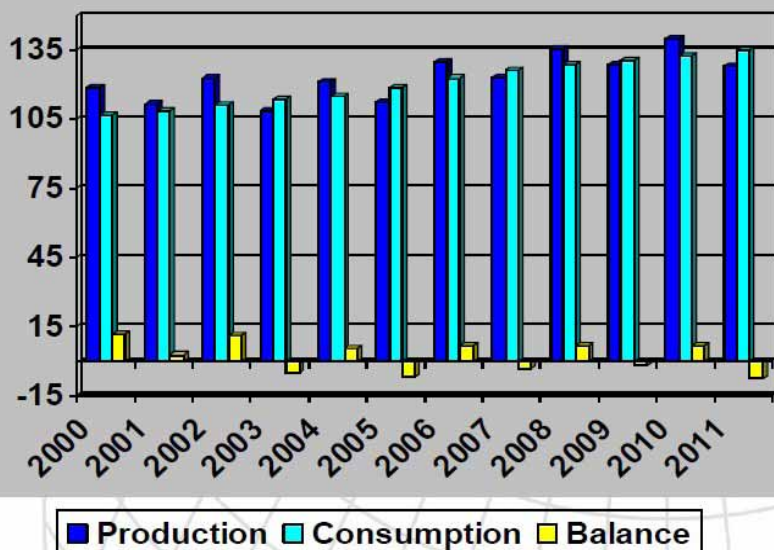


Ele lembrou que, de fato, é a primeira vez que o café chega a esse nível sem ter acontecido nada no Brasil. Brincou que os centro-americanos durante muito tempo torciam para acontecer alguma coisa por aqui, e que agora, felizmente, todos podem ganhar dinheiro juntos. Ele expôs um gráfico mostrando uma relação bastante apertada entre oferta e demanda, desde o início dos anos 00. Para 2011, teremos, pela quarta vez em dez anos, uma demanda superior à oferta. As outras vezes foram em 2004, 2006 e 2008.

Schaps observou que não tem ocorrido crescimento relevante de produção fora do eixo Brasil e Vietnam. Outro fator importante a ser avaliado por quem pretende construir uma visão sobre os preços é que, no caso do Brasil, não apenas a produção tem aumentado; o consumo doméstico também cresce, de maneira que, mesmo com safras maiores, não há aumento substancial da produção exportável.

18

Global Picture
World Balance – CoffeeNetwork.Com Estimates
(million 60kg bags)



Ele lembrou que o problema de escassez tem sido particularmente grave para falta de certos tipos de café. Em 2010, faltou sobretudo o tipo Colômbia, o que levou as indústrias a lançarem mão dos estoques certificados da bolsa de NY, os quais, por isso, registraram forte queda nos últimos meses.

Schaps ressaltou que houve um boom no preço de todas as commodities, não apenas do café. “Há excesso de liquidez no mundo”, explicou, e como Dow Jones não oferecia remuneração adequada, os investidores decidiram aplicar em commodities. Apenas no primeiro trimestre deste ano, US\$ 412 bilhões foram investidos em commodities.

Em relação ao Contrato C, principal papel de café negociado na bolsa de NY, Schaps lembrou que 39% estão em mãos do mercado físico, o resto em mãos de especuladores. Informou também que o índice CRB, principal indicador para os preços de commodities na bolsa de NY, as chamadas soft commodities (café, cacau, açúcar, milho, trigo, soja e frutas) representam 21% do total. O café responde por apenas 5% da CRB. No índice Dow Jones, o café tem participação de 2,3%.

Schaps, em seguida, apresentou fatores “bullish” e “bearish” que podem influenciar os preços do café nos próximos anos. Entre os “bullish”, temos a queda nos certificados; a balança apertada entre oferta e demanda; a tendência de aumento do consumo mundial; a queda na produção da Colômbia.

Entre os “bearish”, temos circunstâncias políticas (instabilidade no oriente médio, por exemplo), que pode levar o dinheiro a fugir dos mercados, gerando queda nos preços; há também uma possível mudança nos juros dos países desenvolvidos, que podem fazer o capital sair das commodities para investimento em juros. Por fim, um fator que pode prejudicar as cotações do café, sobretudo no longo prazo, é uma eventual queda no consumo, provocada por um aumento excessivo dos preços.

Luiz Eduardo de Paula, o “Batata”, sócio-diretor da Commcor, falou sobre o futuro do café lavado brasileiro. Ele lembrou que, dez anos atrás, os diferenciais entre um café lavado nacional e um natural eram pequenos, variando de -1 a 3 pontos. De uns cinco para cá, porém, houve reconhecimento e valorização dos lavados, fazendo os diferenciais destes evoluírem para 10 a 15 acima de um natural SFC (Swedish Fine Cup).

Em 2010, com o agravamento da broca na Colômbia, e problemas de crédito na América Central, houve uma diminuição na oferta de cafés suaves, fazendo com que os torradores buscassem novos fornecedores, que pudessem oferecer substitutos para esses grãos. Isso aqueceu fortemente a demanda pelos lavados brasileiros, que atingiram diferenciais de até 30 centavos acima do preço de um natural SFC.

Nos últimos meses, com a situação mais normalizada pela entrada da safra dos centro-americanos, os lavados brasileiros tem obtido prêmios de dez pontos sobre NY, o que constitui um valor superior ao de muitos cafés de origem centro-americana, os quais, historicamente, sempre registraram preços bem mais altos do que qualquer café brasileiro.

Segundo Batata, a safra brasileira de cafés lavados vem crescendo, e deve alcançar na próxima safra (2011/12) de 5 a 7 milhões de sacas. 